

DISCURSO ESQUIZOFRÊNICO
E ESTATIVIDADE: ANÁLISE DE UM CASO

María Clotilde ALMEIDA

"A língua 'amarra' a percepção/cognição impedindo o indivíduo de ver a realidade de um modo ainda não programado pelos corredores da estereotipação; como Sísifo, estaríamos condenados a conhecer ou reconhecer sempre a mesma realidade..."

I. Blikstein, *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, Cultrix, 1985.

Centrado na correspondência de uma doente com sintomas de esquizofrenia, endereçada a vários médicos, no período de Maio de 1986 a Janeiro de 1987, o estudo baseia-se na concepção estática da esquizofrenia e do seu discurso.

A referida estatividade, ou seja a manutenção de uma ordem de referência com reforço constante da temática, a que D. Crystal (1980:157) chamou "perseveration", atinge um certo climax na esquizofrenia, uma vez que se estabeleceu uma lógica própria devido a uma migração interior, com o surgimento subsequente de um "eu" interior e de um "eu" exterior, sendo o primeiro real mas dificilmente visível e o segundo irreal mas visível. Pode até representar-se este processo como uma cisão entre a mente e o corpo do/a paciente, isolando-se a mente progressivamente do mundo e também do

próprio corpo¹ (Laing, 1982:88). Digamos, em termos simplistas, que a mente observa o que o corpo faz. Assim, vai-se reforçando a incapacidade de retorno de um universo interior cada vez mais petrificado.

Pensemos na questão como uma relação tripartida entre "ordens de relevância-contexto-texto" (Bernstein 1980), ou seja, se a minha ordem de relevância for individual num contexto exclusivamente individual, então o texto será uma representação muito personalizada, dado que as opções socio-semânticas e as situações são particularizantes.

Tendo em conta a bipartição acima referida entre o "eu" e o "eu/mundo" e o facto de se tratar de correspondência, analisámos todo o corpus em duas dimensões, a saber, a dimensão intradiscursiva do "eu" interior e a dimensão interdiscursiva quando havia qualquer tentativa real de contacto com os outros. Visto que a dimensão interdiscursiva se revelou bastante reduzida limitar-nos-emos a focar apenas a dimensão intradiscursiva.

Com base num estudo sintáctico anterior (M. Clotilde Almeida 1986) tínhamos verificado que, num contexto de incompatibilidade com a perífrase aspectual durativa "estar a", ocorriam um número reduzido de estruturas estativas em detrimento de estruturas não estativas compatíveis (190 em 11 359). Qualquer pesquisa léxico-sintáctica pode ainda confirmar que as estruturas verbais estativas são em menor número do que as não estativas.

Se, no entanto, deixarmos o universo das coisas que acontecem, do "estar a", e nos reportarmos ao ser interiorizado haverá uma tendência para um certo imobilismo com necessários reflexos linguísticos.

A nossa hipótese é de que, conseqüentemente, existirão mais padrões estativos no discurso esquizofrénico do que não estativos, que se auto-alimentam e auto-projectam através do modo da sua representação. Exemplificaremos os padrões estativos como segue:

"Estou lesada demais como terapêutica imprópria"

"Eu tenho a Vida ao ritmo de queixa"

"Eu não desejo aventurar ao aspecto de perder"

Diremos então que o conjunto dos elementos dos enunciados reflete uma não acção, ou seja uma não alteração do estado de coisas, suportada por um não agente.

Em contrapartida, os padrões não estativos remetem para a accionalidade sublimada na pessoa de um agente, havendo alteração do estado de coisas:

"Médico que se meteu, encheu sua barriga"

"Ele adoeceu tudo, e me tirou o ritmo necessário"

Ele Médico me meteu a mim 'Aspecto da coisa' "

O sujeito despoleta e controla toda a acção e, consequentemente, o outro, ou seja o "eu" da paciente.

Constatámos, a priori, que havia uma distribuição desigual dos dois tipos de padrões no corpus, afigurando-se necessária a sua bipartição em relação ao "eu" da paciente ou em relação ao "outro"/ele (neste caso um psicanalista) que contrecenam no universo mental da referida. Assim teremos "padrões estativos + eu", "padrões não estativos+eu", "padrões estativos+ele", e "padrões não estativos+ele".

Opinámos que, com base em estudos anteriores (M. Luisa Figueira e Isabel Faria 1986) em que se detectava a representação do "eu" do esquizofrénico como objecto, o padrão estativo seria dominante na ilustração do "eu", enquanto que em referência ao "ele" a doente privilegiaria o padrão não estativo.

Após análise aturada das 1386 linhas do corpus registámos em relação ao "eu" da paciente 506 ocorrências totais de padrões estativos versus 165 representações de padrões não estativos, com exclusão nestes últimos dos padrões declarativos (eu digo, por exemplo), e dos infinitivos e dos gerúndios, aliás reduzidos, que, por relação com o sujeito, traçam uma ligação remota entre este e a acção (I. Faria 1983).

É de referir que em qualquer dos padrões estativos, o sujeito representa a realidade fora do seu controlo, as coisas acontecem porque acontecem:

"Esqueço-me de um ritmo que me serve, esqueço-me de o usar. Porque é um ritmo de agora a que não me é permitida a queixa?"

"Há ladrões a esta inserção 'Testemunho'".

Se o sujeito se assume como não agente, como objecto, então alguém será aos seus olhos, o agente da história. Esse "alguém"/ele é preenchido pela pessoa de um "psicanalista" que a doente alega ser o causador dos seus males. Exemplificando:

"Então terapeuta amarra, e por vezes destroi cliente, actuando pelas vias que todos sabem".

No entanto continua a querê-lo. Trata-se efectivamente de uma das características da afecção em que não se registam escolhas mutuamente exclusivas mas coordenação de paradoxos (Watzlawick et alii 1981:195), ou seja citando a paciente:

"Ou se dá por terem errado E me permite eu meter-me à consciência de Vida com ele, Ou me tem sérias respostas a dar, sobre o que fez à minha Vida".

Não haverá concretização da escolha devido à inviabilidade das hipóteses, uma vez que a doente não exerce qualquer controlo sobre o psicanalista em questão. Assim, na globalidade a paciente representa o referido psicanalista/ele e o seu universo por 350 padrões não estativos excluindo igualmente os infinitivos e os gerúndios versus 85 padrões estativos. Em jeito de exemplificação:

"(Sei que) Médico se pôs. E criou lugar para ele pela forma que usou."

Então o estado da doente é controlado pelas ações passadas mas ainda presentes do referido psicanalista (vide gráf. 1) especificando os "padrões estativos + eu" (Quadro 1) constatamos que eram enformados fundamentalmente por representações do "ser", do "saber", do "estar" e do "ter". Mantem-se uma ordem de relevância com base na essência das coisas, na asserção mental das mesmas e/ou a sua negação, na provisoriedade do estado e na posse ou ausência das capacidades físicas e mentais, embora com predomínio nítido para a essência das coisas. Com efeito, trata-se do monólogo do "ser ou não ser" permeado pelo diálogo da sua provisoriedade, da posse e do conhecimento. Se não vejamos:

"Não era que eu fosse de cristal. A explicação para mim é outra diferente (de, como eles vêm)".

"Agora já sei, porque me encontro tão lesada. É que o meu sentido de apuro. É muito senso fica sempre a perder como o boatado à rua, a falsidade comigo, segundo eu fui Valor de salvar-me."

A relação entre "ordens de relevância-contexto-texto" personalizantes é ainda reforçada pela introdução dos textos através, sobretudo do presente do indicativo (vide quadro 1), eixo central da enunciação (Benveniste 1966 e F. I. Fonseca 1978) com dissolução, no entanto, das fronteiras do aqui e agora pela ausência de referências temporais e espaciais concretas.² Trata-se de um tipo especial de presente, enunciativo mas atemporal, do tipo "eu (tu)/ele-sempre:

"Penso muito mal do que vejo"

"Eu sou os passos que der"

"Tenho ouvidos e olhos para sentir".

Ao abolir, em larga medida, as fronteiras entre presente e passado estabelece-se a vivência reiterada dos acontecimentos, registando-se uma recursividade constante.

Igualmente constatamos, embora com muito menor relevância, a oscilação entre o imperfeito e o pretérito perfeito, representativa do estivo da paciente que, por um lado, começa por dar relevância aos acontecimentos no seu contexto (não esqueçamos que o imperfeito é o centro adéctico do passado (F. I. Fonseca *ibidem*) para em seguida activar o pretérito perfeito, o fulcro deíctico do passado que enfatiza a importância presente das acções passadas.

Na encarnação do psicanalista pelos "padrões não estativos + ele", no entanto, a doente opta por representações de acção por excelência como "fazer", "usar alguém", "querer", "levar alguém", "aniquilar", "agir", "actuar", "comer", "assassinar", em que a doente é o objecto sobre o qual o "ele" exerce a acção, vozeados predominantemente pelo pretérito perfeito do indicativo e também pelo presente atemporal (vide quadro 2). Sendo o pretérito perfeito do indicativo o activador presente das acções passadas e intercalando-o com o presente, a doente revivifica constantemente o controlo e a influência que o "ele" sobre ela exerce com um "feedback" constante:

"Esse Senhor Médico, na divulgação, difamação que deu à minha Vida, entregou-me, 'escangalhou-me' a saúde física. E com ideias que ousou meter à Vida quer arruinar o resto."

Consequentemente na reconstituição da história temos um presente de estado originado por uma acção passada actualizada:

"Tem-me toda reprimida, atrofiada, com os contra viver que se usou por-me. Eu não sou nada. Sou só Vida."

Não queremos deixar de terminar sem referir, embora sem aprofundar, uma certa recursividade rítmica fomentada por determinadas palavras que se repetem ao longo do corpus e que foram destacadas em maiúsculas pela própria paciente, sendo as mais frequentes:

Médico	84	ocorrências	
Vida	71	"	(vide Quadro 3)

ou seja o "Médico" (psicanalista) ele domina a "Vida" da paciente do ponto de vista quantitativo, embora em Janeiro "a Vida" da paciente acabe por se sobrepor à pessoa do "Médico" (por analogia aliás com a alteração embora ligeira da relação entre padrões estativos e não estativos entre o "eu" e o "ele" no mês de Janeiro).

Este ritmo cadenciado e indolente é ainda induzido pela sonoridade dos sons que encabeçam as principais palavras repetidas (quadro 3):

<u>M</u> édico	<u>V</u> ida	<u>V</u> alores	<u>D</u> outor
84	71	24	14

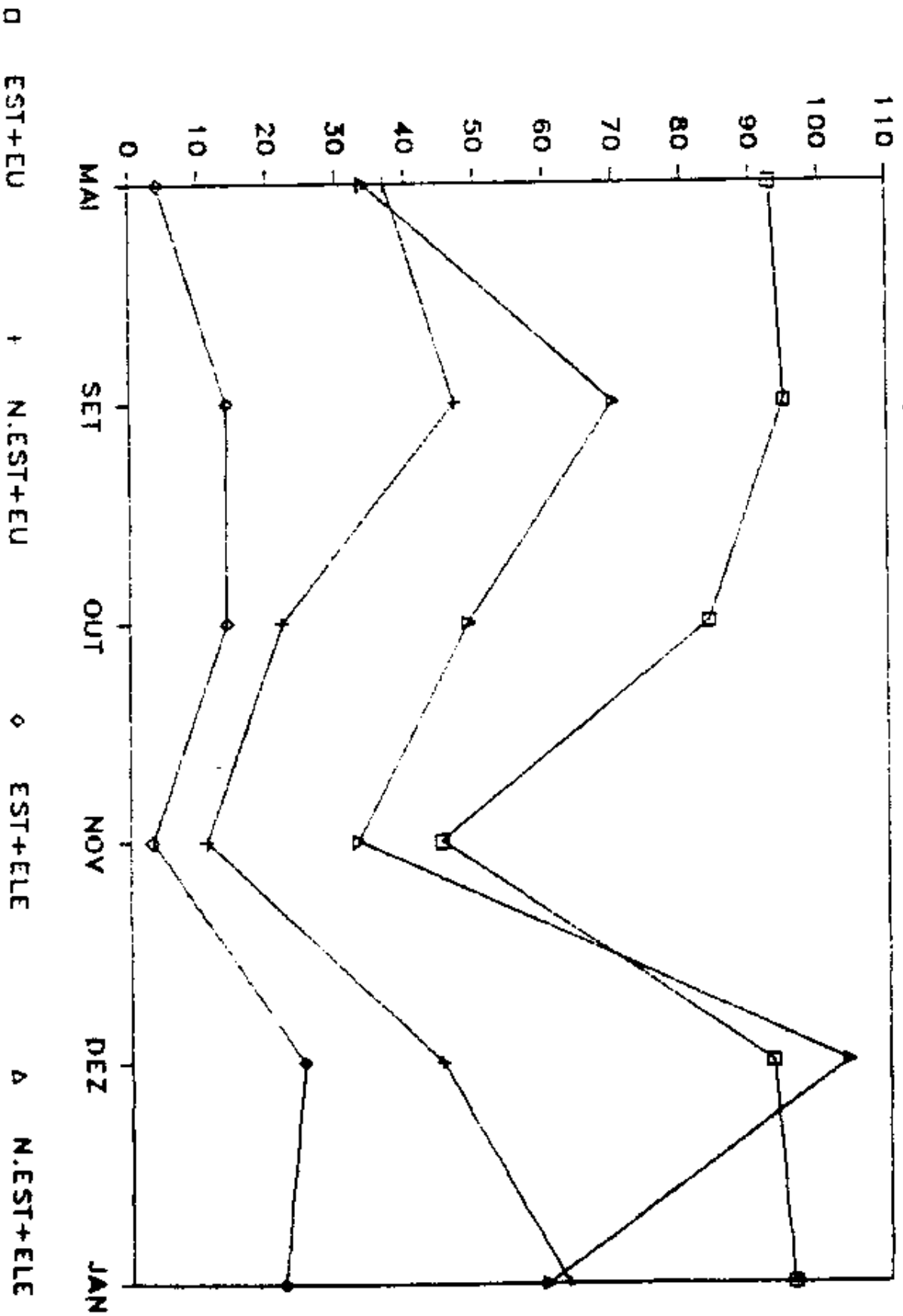
Como se sabe todos estes sons "M", "V" e "D" são sonoros. Não estará a chave da estatividade na relação entre o encadeamento sonoro mútuo e o entroseamento dos padrões do "eu" e do "outro"?

Não estaremos perante algo que a própria paciente representa "E Mente. Tudo pode mudar o Tom. E o Som."

Ou nas palavras de outro esquizofrénico: "M de mental. vira-se para M depois esses traços rectos inclina-se para baixo, faz o M, faz aquele, aquela reentrância do M, é a reentrância do coração. É o coração."

"A Alquimia das Letras (1982)
in Eldorado, Quatro Elementos
Editores, Lisboa, p. 15.

GRAFICO 1
PADROES ESTATIVOS/NAO ESTATIVOS



QUADRO 1

REPRESENTAÇÕES DOS PADRÕES ESTATIVOS + EU

	MAIO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO			
ser	-22	ser	-22	ser	-12	ser	-39	ser	-37
saber	-11	estar	-12	ter	-6	estar	-13	estar	-9
ver	-5	saber	-5	saber	-6	valer	-4	estar	-8
encont.	-4	ter	-3	estar	-4	ter	-3	sentir	-4
ter	-3	existir	-3	ficar	-3	saber	-2	haver	-4
estar	-3	haver	-2	desejar	-3	ficar	-2	ficar	-3

Tempos verbais

presente	-47	presente	-45	presente	-36	presente	-21	presente	-49	presente	-42
imperf	-9	perfeito	-12	imperf.	-7	perfeito	-6	perfeito	-13	perfeito	-11
perfeito	-7	imperf.	-6	perfeito	-3	imperf.	-3	imperf.	-4	imperf.	-4

QUADRO 2

REPRESENTAÇÕES DOS PADRES NÃO ESTATIVOS + ELE

	MAIO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	JANEIRO					
querer	- 4	fazer	- 9	fazer	- 3	fazer	- 3	usar(alg)	-13	fazer	- 7
fazer	- 2	querer	- 8	desvalor.	- 3	pôr	- 2	fazer	- 5	usar(alg)	- 6
usar(alg)	- 2	pôr	- 4	levar(alg)	- 3	dar	- 2	querer	- 4	pôr	- 6
levar(")	- 2	usar(alg)	- 3	pôr	- 3	matar	- 2	dizer	- 3	querer	- 5
aniquilar	- 2	ter	- 3	querer	- 2	voltar	- 2	dar	- 3	levar(alg)	- 2
dar	- 2	comer	- 2	estragar	- 2	querer	- 1	edocer	- 2	agir	- 2
negar	- 2	papar	- 2	actuar	- 2	assassin.	- 1	negar	- 2	n.deixar	- 2
dizer	- 2	n.deixar	- 2	rotular	- 2	usar	- 1	n.deixar	- 2	tirar	- 2
Tempo verbalis											
perfeito	-15	perfeito	-23	perfeito	-21	perfeito	-10	perfeito	-31	perfeito	-29
presente	-12	presente	-21	presente	-12	presente	- 6	presente	-29	presente	-16
imperf.	- 0	imperf.	- 3	imperf.	- 2	imperf.	- 1	imperf.	- 4	imperf.	- 4

QUADRO 3

NOMES DESTACADOS EM MAIÚSCULAS

	Marido	Médico	Doutor	Homem	Psicanalista	amor	Espíritos	Vide	Valores	Trabalho
MAIO	2	9	2	5	4	2	3	6	8	1
SET	4	9	6	1	1	2	4	13	4	-
OUT	1	16	1	1	1	3	-	11	5	3
NOV	1	8	-	-	4	-	1	4	2	1
DEZ	1	27	3	1	1	-	2	16	2	-
JAN	1	15	2	-	-	-	-	21	3	1
TOTAL 10		64	14	8	11	7	10	71	24	6

NOTAS

1. Em vez de (self-corpo) \rightleftarrows outro, a situação é self \rightleftarrows (corpo-outro).
2. À excepção das datas que encimam as cartas muitas das quais sem mês, cronologicamente intercaladas e com intersecção dos meses "Setembro 11."

BIBLIOGRAFIA

- "A Alquimia das Letras" (1982), in Eldorado, Quatro Elementos Editores, Lisboa.
- Almeida, M. Clotilde (1985), "Macro/microposicionamento nas representações temporais/aspectuais" Jornadas de Sociolinguística, F. L. L. (não publicado)
- Almeida, M. Clotilde (1986), O aspecto verbal como texto posicionado/posicionante em português e alemão, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, F. L. L.
- Benveniste, E. (1966), Problèmes de Linguistique Générale, Gallimard, Paris.
- Bernstein, B. (1980), "Codes, modalities and the process of cultural reproduction: a model" in Language in Society 10, 1980.
- Crystal, D. (1980), Introduction to language pathology, Arnold, London.

-
- Dahl, O. (1985), *Tense and aspect systems*, Blackwell, London.
 - Fonseca, F. I. (1982), "Perfeito e pretérito e a teoria dos níveis da enunciação" in *Biblos* v. 58 pp. 75-97.
 - Faria, I. (1983), *Para a análise da variação socio-semântica*, Dissertação de Doutoramento em Linguística portuguesa, F.L.L., Lisboa
 - Faria, I., Figueira, M. L. (1986), "The schizophrenic knowledge of language - a cognitive linguistic view" in *Acta Psiquiátrica Portuguesa* v. 32 nº 3
 - Figueira, M. L., Faria, I. (1986), "On the schizophrenic use of self-reference forms: an attempt to describe schizophrenic subject positions in discourse" in *Acta Psiquiátrica Portuguesa* v. 32 nº 2
 - Irigaray, L. (1973), *Le langage des déments*, Mouton, Paris.
 - Jakobson, R. (1974), *Linguagem e comunicação*, Cultrix, S. Paulo.
 - Laing, R. D. (1982). *O eu dividido*, Vozes, Petropolis.
 - Watzlewick, P. et alii (1981), *Pragmática da comunicação humana*, Cultrix, S. Paulo.